



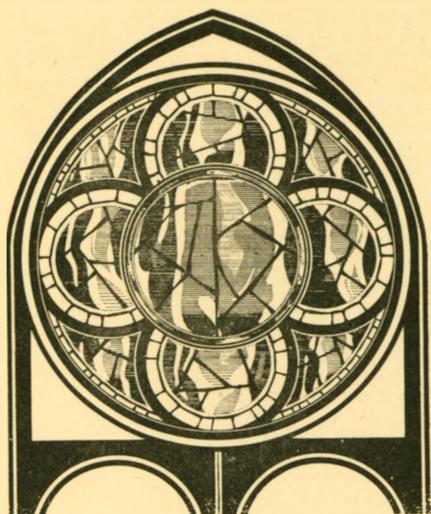
Ministério

Adventista



Setembro-Outubro de 1966

PRADA



Como Oravam Eles

JORGE WHITEFIELD, famoso evangelista inglês, disse: “Ó Senhor, dá-me almas, ou tira-me a vida.”

HENRIQUE MARTYN, missionário, exclamou enquanto se achava ajoelhado nas praias de coral da Índia: “Oxalá eu me consuma aqui para Deus.”

DAVI BRAINERD, missionário entre os índios norte-americanos, 1718-1747, declarou: “Senhor, dedico-me a Ti. Oh! aceita-me e permite que eu seja sempre Teu. Senhor, não desejo outra coisa; não desejo nada mais.”

TOMÁS KEMPHIS, 1379-1471, disse: “Dá-me o que quiseres, quanto quiseres, e quando o quiseres. Põe-me onde quiseres, e trata-me em tôdas as coisas como achares melhor.”

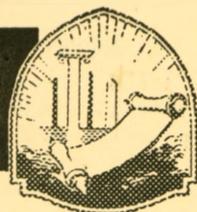
DWIGHT L. MOODY, implorou: “Usa-me, portanto, meu Senhor, para qualquer objetivo e em qualquer maneira que achares necessário. Eis aqui o meu pobre coração—um recipiente vazio; enche-o com a Tua graça.”

MARTINHO LUTERO, na noite anterior a seu comparecimento perante a Dieta de Worms, orou assim: “Permanece ao meu lado, ó Deus, contra tôda a sabedoria e argumentação do mundo. Oh! faze-o! Precisas fazê-lo. Permanece ao meu lado, ó Tu verdadeiro e eterno Deus!”

JOÃO MCKENZIE, quando jovem candidato à obra missionária, ajoelhou-se nas margens do Lossie, orando: “Ó Senhor, envia-me para o lugar mais escuro da Terra.”

“**HYDE DA ORAÇÃO**,” um missionário na Índia, suplicou: “Pai, dá-me estas almas, ou se não eu morro.”





Cades-Barnéia e Hoje

RAUL S. WATTS

Vice-Presidente da Associação Geral



ALGUNS lugares sobressaem na História durante todo o tempo, devido a haverem testemunhado acontecimentos que moldaram o destino de nações e até do mundo. Estalingrado, aquela grande fortaleza russa, foi o quebra-mar em que se despedaçaram as ondas invasoras das hordas de

Hitler. Para os ingleses, Waterloo e Trafalgar são lugares que têm sido exaltados nas páginas da História em virtude de eventos decisivos que transcendem em muito a importância da localidade em que ocorreram. E para os norte-americanos, Gettysburg, Pearl Harbor, Okinawa e outros, estavam ocultos nos livros de geografia até a História os tirar da obscuridade.

Cades-Barnéia foi um lugar assim. Permanecerá sempre como um marco na história sagrada do povo de Deus. Localizava-se na fronteira entre Canaã, a terra prometida, e as arensas extensões do deserto que os filhos de Israel atravessaram após sair do Egito. O Senhor tencionava que êle fôsse apenas um lugar de onde os viajores convergissem para a terra prometida. No entanto, devido à desobediência e incredulidade, o povo de Deus tornou-o um ponto terminal. O Senhor pretendia que êle servisse de entrada por onde Seu povo escolhido marchasse para obter a herança. Em vez disso, porém, veio a ser um lugar de residência, onde a falta de fé e a rebelião fizeram com que o povo de Deus passasse quarenta anos vagueando no deserto.

A experiência de Israel em Cades-Barnéia constituiu profundo desapontamento para Deus. Êle esperava que os israelitas, encontrando-se nos limites de sua herança futura, se apoderassem com vivo interesse da esplêndida terra. Jamais tencionava que Seu povo peculiar tivesse de voltar para o deserto. Êste desapontamento é descrito vividamente em Números 14. Ao

manifestar sua atitude rebelde, o povo exclamou: "Oxalá tivéssemos morrido neste deserto!" Agora esta oração devia ser atendida.

"Por Minha vida, diz o Senhor, que, como falastes aos Meus ouvidos, assim farei a vós outros. . . Vossos filhos serão pastôres neste deserto quarenta anos, e levarão sôbre si as vossas infidelidades, até que os vossos cadáveres se consumam neste deserto. . . E tereis experiência do Meu desagrado." Números 14:28-34.

Comentando êste evento aterrador na história de Israel, diz a mensageira do Senhor: "Deus tornara privilégio e dever dêles entrar na terra no tempo por êle designado; mas, pela sua voluntariosa negligência, fôra retirada aquela permissão. . . Não haviam confiado no poder de Deus a operar juntamente com seus esforços ao se apoderarem êles de Canaã." — *Patriarcas e Profetas*, (2ª Ed.), págs. 410 e 411.

Assim, por causa da descrença e obstinação dêles, Deus não pôde manifestar Seu poder para subjugar-lhes os inimigos. A única maneira segura era encaminhá-los de volta, em direção ao Mar Vermelho.

Cades-Barnéia na Atualidade

Façamos a nós mesmos estas perguntas inquiridoras: Chegou o povo de Deus ao lugar chamado Cades-Barnéia? Há indícios de que enquanto avistamos as colinas da terra prometida demoramo-nos a enfrentar o desafio da tarefa inacabada? Corremos o perigo de perder o ímpeto inicial, e de moderar o passo, como sucedeu com outras organizações religiosas? Por que não empregamos tôdas as nossas capacidades e não correspondemos ao desígnio que Deus tem para conosco neste momento decisivo de nossa História?

Creio que devemos procurar responder a estas perguntas, pois certamente chegou o tempo de aquilatar devidamente as coisas pertencentes à obra de Deus.

Algumas Influências Contrárias

Tenho a impressão de que dentro de nossa organização desenvolveram-se certas influências que estão detendo o avanço que o movimento devia ter nesta hora decisiva. Espero não ser compreendido mal ao classificá-las de influências contrárias.

Desejo dizer com tôda a sinceridade e convicção que o avanço decisivo para a conquista final de Canaã depende até certo ponto dos dirigentes do rebanho do Senhor. Fidelidade e lealdade à orientação divina que nos é assinalada, deveria ser nosso supremo encargo e preocupação.

Temos uma cruzada espiritual que deve sair "vencendo e para vencer." Não nos aventuramos a esperar que o grande período de crise atinja o seu ponto culminante numa geração futura. O encerramento triunfante desta derradeira mensagem de advertência foi fixado por Deus para o nosso tempo. Esta última mensagem, proclamada inicialmente há mais de 120 anos, Deus a destinou a ser a mais significativa mensagem já proclamada entre os homens.

Consideremos agora algumas das influências contrárias que descobrimos em nosso meio.

Perigo de Maturidade. — Como corporação religiosa, atingimos a maioridade. Estamos agora bem firmados na consciência religiosa do mundo — às vezes, cumpre acrescentar, não muito favoravelmente. A estrutura e organização de nossa igreja é a melhor e mais eficiente entre as corporações religiosas do mundo. Contamos com numerosos aderentes, e crescemos dia a dia. Dois anos atrás, nosso secretário estatístico informou-nos que a densidade dos adventistas do sétimo dia na população mundial aumentara seis vezes mais depressa do que a população do mundo durante os últimos cinqüenta anos. Atualmente, os adeptos de nossa fé atingem a mais de dois milhões, e a obra está bem estabelecida em pontos estratégicos, nos grandes centros do mundo.

Temos crescentes recursos à nossa disposição. Os fundos para nossa obra mundial mais do que dobraram nos últimos doze anos. Além disso, durante as três últimas décadas o investimento total da denominação multiplicou-se 10,7 vezes. Contamos também com amplo conjunto de fé e doutrina, baseado unicamente nas Escrituras Sagradas. Antes de completar-se a nossa obra e cessar o tempo da graça, tornar-nos-emos o centro das deliberações, decisões e ataques mundiais. Isto é inevitável no plano de Deus para Sua igreja. Contudo, por estranho que pareça, nosso maior perigo denominacional provém de alcançarmos a maturidade. Testemunhamos hoje em dia uma concentração cada vez maior em localidades já bem estabelecidas. Estes centros de interesse estão quase do dia à dia sendo mais congestionados por crentes adventistas.

Concentração. — Tenho certeza de que estais bem cientes desta tendência de centralizar em volta de escritórios e instituições. Não estou apenas pensando nos centros de instrução e administração na América do Norte, pois o problema é de âmbito mundial. Reconheço plenamente que numa organização religiosa como a nossa, que dirige um sistema próprio de educação, temos de providenciar fortes centros de instrução a fim de acompanhar os atuais padrões e progressos educacionais, e precisamos possuir centros administrativos. Mas algo deve ser feito para evitar que mais adventistas do que fôr necessário residam nestas instituições e nestes centros administrativos. Muitas vezes nos adverte o Espírito de Profecia de que este costume é contrário ao princípio divino. Como administradores, devemos estudar novamente as solenes admoestações registadas no Volume 8 dos *Testimonies*. A sempre crescente afluência de adventistas do sétimo dia a estes centros, torna necessário que haja invulgar cuidado pastoral de grandes igrejas centrais, retendo conseqüentemente um número desproporcional de ministros numa única localidade, enquanto outras regiões não recebem a luz do evangelho e a mensagem da breve volta de Cristo.

Nestes grandes centros está havendo resultados desastrosos na fé de muitos de nossos membros leigos. Mudando-se para esses lugares, com suas enormes igrejas altamente organizadas, muitos perdem sua espiritualidade através de absoluta inatividade, relegados a segundo plano, e freqüentemente acabam saindo do Movimento.

A crescente colonização ao redor de nossos centros institucionais apresenta um sério problema e tem profunda relação para com os nossos planos de mais rápido avanço da causa de Deus em tôda a Terra. Certamente as nuvens tempestuosas que se estão formando assinalam a conveniência de acentuar o convite para muitas famílias adventistas do sétimo dia abandonarem as ímpias cidades, e mudarem-se para longe dessas regiões congestionadas. Na qualidade de dirigentes, por que não podemos unir as vozes agora e instar com nosso povo para que dêem atenção aos solenes apelos feitos pela serva do Senhor, no sentido de sairmos das cidades?

Dependência do Apoio Financeiro. — Dependemos do apoio financeiro para a rápida terminação da obra? Quanto mais crescermos, quanto mais forem as instituições que estabelecermos e quanto mais ampliarmos nosso programa missionário, maior será a necessidade de fundos. Parece estarmos percorrendo um círculo vicioso. Além disso, os ministros adventistas do sétimo dia têm conhecimento de que não podem "pregar na Terra e alimentar-se no Céu." Seu pensamento naturalmente se volta para as coisas materiais. Não podem evitar que eles e suas

famílias se demorem em questões seculares. Precisam comprar e planejar, e fazer orçamentos de seus recursos pessoais. Também existem muitas coisas relacionadas com a obra da igreja que requerem constante planejamento e atividade material. O incessante turbilhão de atividades e numerosos apelos por dinheiro têm a tendência de inclinar a mente do obreiro para as coisas materiais. Jamais foi possível separar o material do espiritual, hoje, porém, isto parece mais impossível ainda.

Temos de admitir o sombrio fato de que nossa obra mundial nunca poderá ser concluída apenas por multiplicar empreendimentos ou por incentivar maiores esforços e campanhas denominacionais. A pressão mecânica e a abrupta obrigação moral podem realmente servir de obstáculo para a afluência bem maior de recursos programada para este tempo decisivo.

Na Palavra de Deus há vigorosas declarações a respeito de como Sua obra deve ser realizada. As Escrituras Sagradas revelam claramente a insensatez de pensar que podemos avaliar nosso êxito pelas coisas materiais: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela. Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão que penosamente granjeastes; aos Seus amados Ele o dá enquanto dormem." Salmo 127:1 e 2.

Neste texto há uma lição para nós. Precisamos refrigerar a mente a fim de não esquecer que o poder humano *não* é evidência de que Deus está conosco. Sempre devemos ter em mente que números e materiais não são forçosamente indício de poder espiritual. Pelo emprego de capacidades físicas ou coisas materiais, pela utilização da sabedoria e administração humana, ou através da intensificação do atual programa, jamais conseguiremos terminar a tarefa. Meus irmãos, não precisamos de maior impulso, mas de maior poder de cima. Como disse alguém: "Temos mais necessidade de ardente esforço, do que de organização."

Quando estavam para entrar no templo, Pedro e João disseram ao coxo que pedia esmolas: "Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou." Aí estava o segredo de seu êxito. Esperavam que o Céu conferisse poder ao que possuíam. O dia em que a igreja podia afirmar: "Não possuo nem prata nem ouro," acha-se há muito tempo no passado. Todavia, não passou ainda o dia em que a igreja de Deus pode esperar concluir sua incumbência de origem celestial apenas com o poder manifestado na porta Formosa. Sem esse poder, todos os métodos, recursos, facilidades e instruções — tudo o que possa ser providenciado pelo sacrifício de nossos membros de igreja — são absolutamente ineficazes para conferir-nos o êxito

necessário a fim de terminar a tarefa que Deus nos designou.

Deixando de Penetrar em Novos Territórios. — Nalguns Campos de além-mar, parece que hesitamos em ativar um vigoroso programa de introduzir e estabelecer a obra em países e territórios ainda não penetrados. Existem alguns campos missionários em que se está empreendendo positivo e enérgico programa para penetrar em novas regiões, mas tenho a impressão de que durante a década passada pendemos mais para a consolidação denominacional do que para a expansão. Gastamos a maior parte de nossa energia cuidando do que temos alcançado, e não para penetrar em novos territórios. O profeta Isaías declara que a obra da igreja de Deus é dupla: alongar as cordas e firmar bem as estacas (Isaías 54:2).

Quanto tempo faz que nos temos emocionado com a notícia de que o estandarte da verdade foi implantado num país que ainda não havia sido evangelizado com a nossa mensagem? Disse-me o secretário estatístico, que durante os últimos dez anos iniciamos o trabalho em sete regiões em que nada se fizera anteriormente. Penso que o último pequeno país penetrado foi o Nepal, em 1958. Isto parece ser um bem sucedido programa de expansão, mas a realidade é que alguns países que já haviam sido atingidos, têm de ser eliminados da lista, pois não temos mais qualquer representante ou grupo de crentes nesses territórios. Houve ingresso, mas terminou em retirada. Ei-los: Protetorado de Aden, Muscate e Omã, Sikkim e Sudão.

Com certeza, não foi devido a um decréscimo nos fundos para as Missões que nos temos demorado em iniciar trabalho novo, pois durante a década passada (1952-1962) a Associação Geral tem aumentado substancialmente, cada ano, os fundos para as Missões mundiais. O aumento indicado em dólares é enorme — de US\$ 17.421.217,31 em 1952, para US\$ 31.505.895 em 1962, e US\$ 33.333.186 em 1963.

Diante da atual situação, talvez fôsse conveniente que os dirigentes ideassem algum plano que possibilitasse estender as fronteiras de nossa obra em países e ilhas não penetrados.

Este plano realizaria duas coisas: (1) Asseguraria à igreja mundial que nossa obra seria rapidamente estabelecida em regiões ainda não atingidas. (2) Colocaria maior responsabilidade moral e financeira sobre a igreja de além-mar, para manter a obra já estabelecida em seu território.

Espírito de Conformidade. — Vovemo-nos agora para outra influência desfavorável. É o espírito sutil de conformidade com o mundo atual — essa atitude mental de contentar-se com apenas uma compreensão intelectual das doutrinas peculiares da igreja. É lamentável dizer que

êste espírito tem procurado penetrar no coração de alguns crentes em nossas fileiras. Não é uma questão de descrença doutrinária, mas sim uma atitude que está esfriando o ardente anelo pela rápida vinda do Senhor, o qual deveria caracterizar todo intenso sacrifício para apressar êsse dia. Que a confiança na certeza do Movimento Adventista é fundamental para qualquer sacrifício incomum em seu favor, dispensa explicação. Como dirigentes, precisamos remediar definitivamente a deletéria influência da incerteza e da conformidade mundana, que está neutralizando o eficaz testemunho de muitos.

Objetivo Primordial de Nossa Existência

Deus nos está chamando novamente para o objetivo primordial de nossa existência como organização. Muito acima dos algarismos, das estatísticas e dos métodos encontram-se as expectativas que Deus tem de que terminemos nossa permanência na Cades-Barnéia do século vinte. Ele espera que detenhamos essas influências contrárias. Deseja que reunamos tôdas as forças espirituais providas por Ele. O Senhor almeja que de alguma maneira removamos a ênfase da simples mecânica de nossa organização. Muitas vêzes corremos o perigo de dar a impressão de que estamos construindo para o mundo atual. Acaso não chegou o tempo de refrear nossos desejos, e empregar nossos homens e recursos de maneira mais sensata?

Na verdade, houve tragédia em Cades-Barnéia, mas também houve triunfo. Êste estava em Calebe e Josué. Eles creram e confiaram no Senhor. Sabiam que o Deus de Israel iria adiante dêles na conquista, e finalmente entraram na terra prometida. O Senhor procura homens como Calebe e Josué no Israel moderno. Deseja ter líderes que compreendam a espiritualidade necessária para enfrentar o desafio desta hora significativa.

Necessidade de Preparação Especial

A igreja de Deus jamais se defrontou com um tempo como êste. Só existe uma conclusão inevitável: a saber, que para prestar o serviço que se espera dela no momento presente, nossa igreja necessita de preparação especial. Por isso, compete a nós, dirigentes do Movimento Adventista, tomar a iniciativa em buscar esta preparação.

O Maior Obstáculo

Reconhecemos que o maior obstáculo subjacente é a falta do Espírito Santo em nossa vida. O derramamento do Espírito de Deus sobre nós e a igreja constitui nossa única esperança. Somente o Espírito Santo pode alcançar o coração dos homens em tôda parte. Êste é o único meio que preparará a igreja para o alto clamor da mensagem.

Suprir esta falta deve ser a nossa maior preocupação. Ela interpõe-se entre nós e a realização de nossa incumbência. Busquemos a divina provisão de poder, para concluir a tarefa que está à nossa frente.

Que é a Igreja de Deus?

Nos Evangelhos é prometido que a igreja de Deus sempre poderá ter o poder do Espírito Santo. Falamos que o poder divino repousará sobre a igreja como um todo na "chuva serôdia." Como sucederá isto se Ele não repousar sobre nós individualmente?

Pensai por um momento sobre o que é a igreja de Cristo. Ela não é alguma coisa que possa ser tocada com as mãos — separada e distinta dos homens. Não consiste em edifícios, instituições ou coisas materiais; não é algo que possa ser contemplado. A igreja é um grupo de homens e mulheres que professam o nome de Cristo. Para a igreja receber o Espírito Santo em profusão, Ele precisa descer sobre os homens e as mulheres, individualmente, que compõem a igreja.

Irmãos, ainda não começamos a aproveitar nossas possibilidades em homens e recursos, quando, sob a influência do Espírito Santo, forem vendidas propriedades, terras e casas. Ainda não conhecemos o significado de verdadeiro sacrifício. Que haverá tal espírito, evidenciado pela seguinte declaração:

"Virá o tempo em que os observadores dos mandamentos não poderão comprar nem vender. Apressai-vos em descobrir vossos talentos enterados. Se Deus vos outorgou dinheiro, mostrai-vos fiéis ao vosso encargo; desdobrai o pano, e enviai vossos talentos aos banqueiros, para que quando Cristo vier, receba com juros o que é Seu.

"No último momento crítico, antes que esta obra terminar, milhares serão postos alegremente sobre o altar. Homens e mulheres acharão ser abençoado privilégio tomar parte na obra de preparar almas que permaneçam em pé no grande dia de Deus, e contribuirão com importâncias maiores com tanta facilidade como agora são dadas aos menores." — *Counsels on Stewardship*, pág. 40.

Como verificamos acima, não era desígnio de Deus que o antigo Israel vagueasse quarenta anos no deserto. Prometeu guiá-los diretamente à terra de Canaã, desde Cades-Barnéia; mas nos é dito que eles não a puderam alcançar devido à incredulidade. E a parte alarmante é que os mesmos pecados têm retardado a entrada do Israel moderno na Canaã celestial. Em nenhum dos casos foram as promessas de Deus que falharam.

"É a incredulidade, a mundanidade, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo de Deus que nos têm detido neste mundo

de pecado e dor por tantos anos.” — *Evangelismo*, pág. 696.

Talvez nunca venhamos a ter novas idéias ou novos métodos de trabalho que tornem nossos esforços mais eficazes do que os dos apóstolos. Agora, como então, é necessária a combinação do Espírito Santo com o esforço humano, para conseguirmos as maiores realizações.

“Pode possuir-se erudição, talento, eloqüência, ou qualquer dom natural ou adquirido; mas, sem a presença do Espírito de Deus, nenhum coração será tocado, pecador algum ganho para Cristo.” — *Test. Seletos*, Vol. 3, pág. 212.

Sendo que isto é verdade, e tão fundamental para a rápida conclusão de nossa tarefa, nós como obreiros e crentes nos devemos levantar e dedicar-nos com todo o fervor à tarefa que Deus nos confiou. Devemos dirigir-nos ao Senhor para nova e incondicional entrega ao Espírito Santo, e para receber novo suprimento do Seu poder. Nenhum apêlo soa mais fortemente através dos escritos do Espírito de Profecia, do que este:

“A igreja precisa pôr-se em atividade. O Espírito de Deus jamais poderá vir enquanto ela não preparar o caminho.” — *Selected Messages*, Vol. 1, pág. 126.

Irmãos, desejo ver esta obra terminada. Vós também o desejais. Quando sucederá isto? Ao nos aproximarmos do grande momento culminante, a obra prosseguirá “com uma rapidez que surpreenderá a igreja” (*Idem*, Vol. 2, pág. 16).

Ezequiel viu uma luz brilhante com a velocidade do relâmpago, movendo-se entre as criaturas viventes (Ezeq. 1:13 e 14).

“A brilhante luz, que resplandece por entre as criaturas viventes, com a velocidade do relâmpago, representa a rapidez com que a obra de Deus há de por fim ser consumada.” — *Test. Seletos*, Vol. 2, pág. 353.

Oh! que momento de glória para o povo de Deus! É uma hora de admiração, de vitória, de triunfo final. O tempo presente requer completa dedicação e consagração para terminar a obra.

A seqüência dos acontecimentos dos últimos dias não dependerá de números e orçamentos, mas da prontidão do povo de Deus para pôr a vida e as atividades em harmonia com a vontade divina, a fim de que o Senhor possa executar rapidamente a Sua Palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a em justiça.

Uma Carta aos Dirigentes de Igreja



“Os Adventistas Silenciosos”

DURANTE algum tempo sentimos crescente convicção no tocante a um declínio no emprego do nome “Adventista do Sétimo Dia” em conexão com muitas atividades importantes da igreja. Na falta de um título mais apropriado, resolvemos chamar esta tendência geral de “Os Adventistas Silenciosos.”

Ao apresentar estes pensamentos, queremos salientar que não estamos acusando a quem quer que seja; apenas desejamos inverter essa tendência, devido às razões mencionadas abaixo:

1.º ITEM: Certo número de hospitais adventistas do sétimo dia estão modificando seus nomes nestes dias. Na maioria das vezes, o novo nome não traz qualquer indicação de que o hospital se relaciona com a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

“O nome Adventista do Sétimo Dia exhibe o verdadeiro caráter de nossa fé e será próprio para persuadir aos espíritos indagadores.” — *Test. Seletos*, Vol. 1, pág. 80.

2.º ITEM: Muitos, e na verdade a maioria dos ônibus que conduzem jovens adventistas do sétimo dia para ginásios nossos, não trazem indicação alguma de que estes estabelecimentos educativos se relacionam com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os nomes de muitos ginásios nossos não têm conexão com a igreja.

“Não podemos adotar outro nome que quadre melhor do que esse que concorda com a nossa profissão, exprime a nossa fé e nos caracteriza como povo peculiar. O nome Adventista do Sétimo Dia é uma continua exprobração ao mundo protestante. É aqui que está a linha divisória entre os que adoram a Deus e os que adoram

a bêsta e recebem seu sinal.” — Test. Seletos, Vol. 1, pág. 79.

3.º ITEM: Um número cada vez maior de igrejas adventistas do sétimo dia estão alterando seus nomes para outros que não fazem alusão alguma à fé adventista. Parece que a palavra “comunidade” está-se projetando como substituto para o nome Adventista do Sétimo Dia.

“Os homens empregarão todos os meios para tornarem menos destacada a diferença entre os adventistas do sétimo dia e os observadores do primeiro dia da semana. Foi-me apresentado um grupo com o nome de adventistas do sétimo dia, o qual estava aconselhando que a bandeira ou sinal que nos torna um povo distinto, não devia ser salientada de maneira tão chocante; pois pretendiam que esse não seria o melhor método para assegurar êxito a nossas instituições. Não estamos, porém, em tempo de arriar nossa bandeira, de nos envergonharmos de nossa fé. Esta distintiva bandeira . . . deve ser levada através do mundo até ao fim do tempo da graça.” — Test. Seletos, Vol. 2, pág. 422.

4.º ITEM: Em crescente número de artigos destinados tanto para os adventistas do sétimo dia como para os não-adventistas, o nome não é usado absolutamente, quando podia ser empregado com naturalidade, ou é abreviado para “ASD.” Apenas uma ínfima parcela do público sabe que estas iniciais significam “Adventistas do Sétimo Dia.”

“Nunca, por um momento, deve ser dada a ninguém a impressão de que lhe seria proveitoso ocultar sua fé e doutrinas ao povo incrédulo do mundo, temendo não ser tão altamente estimado se seus princípios forem conhecidos. . . . Todo cristão deve ser uma luz, não escondida sob um alqueire, ou debaixo da cama, mas posta no velador, para que a luz se comunique a to-

dos quantos se acham na casa. Jamais, por covardia ou táticas mundanas, deixeis que a verdade de Deus seja deixada para trás.” — Test. Sel., Vol. 2, págs. 422 e 423.

Creemos que toda tendência para ocultar o nome de nossa fé, não importa quão boas as suas intenções, deve ser invertida. E êste é o repto que gostaríamos de lançar-vo.

Na importante responsabilidade que temos, nossa opinião e nossa voz encontram eco, duma maneira ou outra, na parte da igreja pela qual somos responsáveis. Quer queiramos, quer não, as pessoas fazem ou deixam de fazer algo, em virtude do ponto de vista que adotamos, das palavras que proferimos ou do conselho que damos.

O teor do Espírito de Profecia no tocante ao assunto do nome da igreja, deixa pouca dúvida de que todo hospital adventista do sétimo dia deve levar o nome da igreja em seu título; o mesmo sucede com tôdas as igrejas, ginásios, escolas primárias e ônibus pertencentes à nossa denominação.

Todo artigo escrito para o público não adventista deve usar o nome de nossa fé, a menos que seu emprêgo se afigure muito inatural. O referido nome deve ser escrito por extenso, não abreviado, nos artigos para nossas revistas denominacionais.

Solicitamos ardentemente a vossa ajuda para inverter esta tendência que deixa a verdade de Deus “para trás.” Nossos agradecimentos pelo auxílio que dareis neste sentido. (Extraído do *Pacific Union Recorder*, 25 de outubro de 1965.)

HERBERTO FORD

Diretor de Relações Públicas da União do Pacífico — Estados Unidos.

O Ministro Prisioneiro

PONDE o ministro em seu escritório, tirei da porta o letreiro de Escritório e coloquei-o de Sala de Estudo. Eliminei seu nome da lista de endereços, preendi-o com seus livros, sua máquina de escrever e sua Bíblia, e obriguei-o a ser o homem que conhece a Deus em nossa agitada comunidade. . . .

Providenciei um despertador que o aprisione para pensar e escrever acerca de Deus. . . . Preendi-lhe a bôca loquaz que verte “observações,” e detende-lhe a língua que sempre se apressa a falar levemente de tudo o que não é essencial. Dobrai-lhe os joelhos no vale solitário, eliminei sua presença das sociedades e cancelai sua freqüência ao clube. . . . Arrancaí seu telefone, queimai suas folhas de êxitos eclesiásticos, . . . ponde água no depósito de gasolina de seu automóvel e obriguei-o a ser um ministro da Palavra. — Floyd Doud Shaffer, pastor da Igreja Presbiteriana de Salém, Indiana. (Citado na revista *Time*, de 7 de abril de 1961.)

Os Discos Voadores e o Espiritismo — III

Conclusão

MIGUEL ALVAREZ

Pastor da Igreja de Tandil, Buenos Aires, Argentina

Confirmação Oficial

Argentina — Chile — Inglaterra

ESTIVEMOS proporcionando até aqui um conjunto de dados e informações que nos permitem ter uma visão geral do problema em pauta; e embora proliferem centenas de testemunhos mais sôbre as aparições destas naves espaciais, cremos, todavia, que as citações apresentadas são mais que suficientes para se chegar a conclusões sérias e definidas. Incluiremos apenas os casos das últimas manifestações, para consolidar nossa orientação.

Na noite de 3 de julho de 1965, o pessoal da Base Naval "Decepción," situada na Argentina Antártica, avistou a presença de um disco voador, que foi confirmada pelo pessoal das bases chilena e britânica.

O comunicado oficial da Base Naval Argentina, dirigida pelo Tenente de Fragata Daniel Tarris, declarou textualmente:

"Do Destacamento Naval "Decepción," na Argentina Antártica, às 19:40 horas de 3 de julho, foi observado um objeto voador de aspecto sólido, de predominante côr vermelha e verde, e por momentos com tonalidades amarelas, azuis, verdes, alaranjadas e brancas. . . . O intervalo de observação foi de 15 a 20 minutos, podendo-se tirar fotografias. O pessoal do Destacamento Naval Antártida Orcadas também observou na tarde do mesmo dia, o OVNI de referência."²⁴

Por outro lado, e sem haver comunicação prévia com a base argentina, o comandante Mário Juan Barrera, da Base Chilena "Aguirre Cerda," na Antártida, enviou um radiograma à Força Aérea Chilena assinalando que, enquanto nove homens da Base realizavam suas costumeiras observações meteorológicas, viram o objeto que permaneceu visível por 20 minutos, fazendo evoluções. Acrescenta o comunicado que no dia seguinte a Base Britânica da Antártida informou por rádio que cinco de seus membros haviam visto um objeto voador na noite de 2 de julho, de côr vermelha com variações de amarelo e verde, que pareceu permanecer estacionado por 10 minutos, antes de desaparecer.

Discos Fotografados

São numerosos os testemunhos de fotógrafos amadores, profissionais e jornalistas que têm conseguido fotos dos OVNI. O astrônomo Dr. Allingham, do Observatório da Escócia, assegurou haver fotografado um disco voador e um marciano com o qual entabulou um diálogo. Em City Bell, na noite de 22 de maio de 1962, foram tiradas cinco fotografias pelo Sr. Hipólito Rodolfo Paolocá, publicadas depois na revista ASÍ.

Nesta mesma publicação é acrescentada a fotografia obtida por Hugo Eleazar Taboada, que no domingo 4 de julho do corrente ano conseguiu fixar em sua câmara a imagem de um objeto voador não identificado. Mas o que chamou a atenção da ciência foi o primeiro plano da fotografia, que apresenta uma mancha branca como resultado de certas irradiações. É indubitável que novos fatos exigirão nossa atenção, em especial porque algumas das fotos, principalmente as dos tripulantes dos OVNI, revelam estranha semelhança com as obtidas dos espíritos materializados nas sessões espíritas.

Os OVNI, o Espiritismo e a Crise Final

Analisando a estreita relação que tem o espiritismo moderno com as aparições dos OVNI, achamos conveniente tecer algumas conjeturas que, sem receberem o selo de absoluta aprovação, nos permitirão pelo menos refletir sôbre os solenes momentos que nos esperam quando se coligarem as diversas forças do mal, a fim de perpetrar o derradeiro engano, realçado pela "hora da provação que há de vir sôbre o mundo inteiro" (Apoc. 3:10).

Estas conjeturas serão traçadas à luz da Palavra de Deus e dos escritos da pena inspirada.

Que papel desempenharão êstes veículos espaciais e seus tripulantes no grande conflito final? A resposta é óbvia. A revelação divina nos permite delinear um quadro de certas possibilidades, que bem poderiam ajustar-se aos

graves acontecimentos enganosos que prepararão o caminho do anticristo.

Em Apoc. 16:14 nos é informado que os espíritos dos demônios, operadores de prodígios, se dirigirão aos reis de todo o mundo habitado. De modo geral, temos aplicado este texto às comunicações efetuadas através dos médiuns espíritas. Não obstante, cumpre destacar duas idéias que sobressaem no texto referido. A primeira é a realização de prodígios; a segunda constitui o fato de que esses espíritos “se dirigem aos reis do mundo inteiro,” isto é, tomam a iniciativa de aproximar-se dos grandes dignitários, “a fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus todo-poderoso.” Não exclui esta interpretação a outra possibilidade, mas certas afirmações da pena inspirada permitem que propendamos para a primeira asseveração. Diz ela: “Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios, operadores de prodígios. Os espíritos diabólicos sairão aos reis da Terra. e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a se unirem a Satanás em sua última luta contra o govêrno do Céu. Mediante êstes agentes, serão enganados tanto governantes como súditos.”²⁵

As informações dêste artigo e o futuro próximo nos permitirão avaliar esta questão sem receio de equivocarnos. O certo é que à medida que os homens perceberem a possibilidade de que outros planetas são habitados, e que esta teoria venha a ser reforçada com fotografias obtidas pelos projetos especiais do homem, a inclinação que agora existe e as declarações de cientistas sôbre tal possibilidade encontrarão a mais ampla confirmação, que será aproveitada pelas forças do mal em suas manifestações “extraterrenas,” a fim de colaborar na implantação duma paz duradoura e permanente. Mas a serva do Senhor admoesta dizendo: “Quando os raciocínios da filosofia houverem banido o temor dos juízos de Deus; quando ensinadores religiosos estiverem a apontar no futuro para longas eras de paz e prosperidade, e o mundo estiver absorto em sua rotina de negócios e prazeres, plantando e construindo, banqueteadose e divertindo-se, rejeitando as advertências de Deus e zombando de Seus mensageiros, então é que súbita destruição lhes sobrevirá, e não escaparão.”²⁶

Falando dêste período de paz fictícia, durante o qual a igreja enfrentará as leis dominicais, e enquanto Cristo ainda está no santuário celestial, acrescenta a pena inspirada: “As nações estarão iradas; contudo, sujeitadas, para não impedir a obra do terceiro anjo.”²⁷

O Espírito de Profecia continua nos advertindo de que o poder milagroso que se manifesta no espiritismo exercerá sua influência em detri-

mento dos que preferem obedecer a Deus e não aos homens. “Comunicações por parte dos espíritos declararão que Deus os enviou para convencer de seu erro os que rejeitam o domingo, afirmando que as leis do país deveriam ser obedecidas como a lei de Deus. Lamentarão a grande impiedade no mundo, secundando o testemunho dos ensinadores religiosos de que o estado de aviltamento da moral se deve à profanação do domingo. Grande será a indignação despertada contra todos os que se recusam a aceitar-lhes o testemunho.”²⁸

A que espíritos alude a irmã White? Aos que se manifestam ocultamente nos aposentos espíritas, ou a seres que aparecerão abertamente a certas pessoas? Será possível aceitar-se que tais comunicações virão através dos seres que dizem tripular os discos voadores? O tempo que está à frente e os fatos nos outorgarão a resposta. Não obstante, é indubitável que em vista de certas declarações do Espírito de Profecia, se infere a segunda possibilidade. Quando Satanás aparecer em várias partes da Terra, como ser majestoso e imitando a Cristo, afirmará haver mudado o dia de repouso do sábado para o domingo, e declarará “que aqueles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de seu nome, pela recusa de ouvirem SEUS ANJOS a êles enviados com a luz e a verdade.” Quem são êstes anjos a que a irmã White faz alusão? Se levarmos em conta as diversas declarações de fontes católicas e protestantes, notaremos existirem atualmente asseverações em que aos tripulantes dos discos voadores se atribuem as prerrogativas dos seres que são enviados para serviço, a favor do homem caído: os anjos. E embora seja certo que uma corrente conceptual do tempo presente se inclina a pensar desta maneira, não deixa de ser importante a outra premissa que sustenta a possibilidade de que sejam seres provenientes de outros planetas. Para isso o Espírito de Profecia também possui declarações contundentes, que nos permitem descobrir sua verdadeira origem. Assinala a irmã White: “Nos dias dos hebreus, havia uma classe de pessoas que pretendiam, como o fazem os espíritas de hoje, entreter comunicação com os mortos. Mas êsses ‘espíritos familiares’ como eram chamados os VISITANTES DE OUTROS MUNDOS, declara a Bíblia serem ‘espíritos de demônios’.”²⁹

Conclusões

Como temos estado delineando, são bem diversos os elementos de opinião com que contamos e que nos permitem aventurar os conceitos expostos sôbre o problema de que tratamos. As declarações feitas pelo semanário “La Provincia,” referentes a que os terremotos, maremotos, ciclones, grandes perturbações atmosféricas, incêndios etc. têm íntima relação com o

aparecimento dos OVNI, é outro indício que lança luz sobre sua verdadeira origem, já que por meio das Escrituras Sagradas e dos escritos da pena inspirada entendemos, como no caso de Jó, que Satanás tem poder para provocar toda espécie de calamidades, quando Deus o permite.

Outro aspecto que ajuda a determinar a origem dos OVNI é o que assinala a possibilidade do emprêgo de forças magnéticas. A paralização dos ponteiros dos relógios electromagnéticos e a detenção do movimento de certos motores, assim como influências magnéticas sobre alguns homens entrevistados pelos "ultraterráqueos," que fizeram os afetados perder o equilíbrio, concordam com os mesmos poderes manifestados pelas forças divinas por ocasião da captura de nosso Senhor. O relato bíblico sa-fenta que quando Seus inimigos se aproximaram para capturá-Lo, retrocederam e caíram por terra. A serva do Senhor menciona que nas referidas circunstâncias "uma luz divina iluminou o rosto do Salvador. . . . Em presença dessa divina glória, a turba assassina não pôde permanecer um momento. Cambalearam em recuo. Sacerdotes, anciãos, soldados e o próprio Judas caíram como mortos por terra. O anjo retirou-se, e dissipou-se a luz."³⁰ Estes mesmos efeitos têm sido evidentes em muitos casos relacionados com a presença de um dos tripulantes dos OVNI. Pessoas visitadas por estes seres foram lançadas por terra quando tentavam atacá-los: assim o expressa um motorista que ao descer de seu veículo o fez com um ferro na mão, mas isso nada lhe valeu diante desse fenômeno que o deitou por terra. É evidente a semelhança de tais poderes com os dos anjos de Deus, o que confirma que deparamos aí com forças espirituais nos ares, dominadores deste mundo tenebroso, que conservam o poder original que o Criador lhes outorgara antes de se rebelarem.

Devido a tantas evidências, não desejamos finalizar este artigo sem acrescentar alguns conceitos mais, que foram praticamente delineados com antecipação no número de novembro-dezembro de 1960, de *O Ministério Adventista*.

O Sr. Alberto Perego, diretor do Centro de Estudos de Aviação Electromagnética, numa entrevista coletiva à imprensa em Roma, declarou "que os discos voadores agem como patrulhas policiais interplanetárias enviadas de Marte e Vênus, com o fim de impedir que os dois blocos (políticos) que há na Terra façam voar o planeta." Declarou que êle próprio observara evoluções de uma patrulha de discos voadores no dia 7 de setembro de 1954, aniversário da revolução soviética, enquanto sobrevoavam a cidade de Roma. Os discos voadores terminaram sua demonstração formando uma cruz sobre a basílica de S. Pedro, com o fim de fazer os homens compreenderem que é tempo de coe-

xistirem e viverem segundo os DEZ MANDAMENTOS, em lugar de pensarem em revoluções e destruições atômicas.³¹

Esta surpreendente declaração confirma que o parecer adotado pela teologia popular, pela ciência e pela metapsíquica converge para vários propósitos afins e idênticos, que podem ser resumidos nos seguintes:

1. Inicativas para consolidar a paz internacional.
2. Sugestões tendentes a cristalizar a unidade política e religiosa.
3. Conceitos evolucionistas sobre o homem, sua origem e destino, tanto no sentido físico como no espiritual, a fim de invalidar o sacrifício expiatório de Cristo.
4. Implantação de um código de moral que certamente levará o selo ou marca da apostasia.

Combinadas as diversas forças existentes, a hierarquia romana assumirá os poderes da Idade Média, quando, apoiada especialmente pelas manifestações espíritas e seu abôrto: os tripulantes dos OVNI, consolidar suas pretensões com sinais e maravilhas ilusórias, utilizando todo o engano da injustiça.

A pena inspirada nos descerra os acontecimentos desse tempo, ao dizer que "Paulo, em sua segunda carta aos tessalonicenses, indica a operação especial de Satanás pelo espiritismo, como um acontecimento a ocorrer imediatamente antes do segundo advento de Cristo. Falando da segunda vinda de Cristo, declara que ela é 'segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira.'"³² Então os agentes ativos de Satanás, mediante o espiritismo, ou seus aliados, os OVNI, terão poder de operar milagres a ponto de fazer descer fogo do céu à vista dos homens, o que permitirá dar vida à imagem da bête, a fim de que se imponha o dia instituído pela primeira bête de Apoc. 13.

Conquanto não possamos assegurar que os eventos futuros se desenrolarão conforme as idéias apresentadas, não duvidamos haver entrada numa época muito especial para o povo de Deus e para a humanidade inteira. A imprensa, o rádio e outras fontes nos apresentarão cada vez mais testemunhos que confirmarão, pelo menos em alguns aspectos, os pontos mencionados neste artigo. Se assim fôr, sirvam todos êles para consolidar nossa fé, renovar nossa consagração e declarar mais uma vez como S. Paulo: "Não sejamos vencidos por Satanás, porque não ignoramos seus ardis" (II Cor. 2: 10 e 11)."

BIBLIOGRAFIA:

1. *La Razón*, 2-6-58.
2. *Idem*, 10-5-59.
3. *Idem*, 9-8-59.
4. *Idem*, 8-2-62.

Se Deus Houvesse Morrido - I

(Considerações sobre a teoria de que
"Deus Morreu")

D. A. DELAFIELD

Secretário Associado do Patrimônio de Ellen G. White



CATARINA, esposa de Martinho Lutero, entrou precipitadamente na sala de estudos em que o Reformador se entregara um dia a sombrias reflexões, e declarou: "Deus morreu!" Fêz isto para que o notável homem compreendesse que suas preocupações eram tão absurdas quanto as palavras que ela acabara de proferir. Lutero viu quão disparatada era a declaração da esposa, e igualmente quão irrisórias eram as inquietações d'ele. Pôs-se a defender o Deus vivo, afirmando que Ele não pode morrer, e começou a agir como alguém que confiava e cria nesse Deus.

Atualmente, quatro teólogos eminentes (alguns os têm chamado de ateus cristãos) anunciaram, como o fêz Catarina, que "Deus morreu." (Ver a revista *Time*, 22 de outubro de 1965, pág. 61.) Por meio desse grotesco ensino, procuram despertar o mundo para nova tentativa de encontrar a vida melhor. Se Deus houvesse morrido, então o pequenino ser humano, a criatura, sobreviveu a seu Criador. O Deus "enfêrmo" não teria conseguido resistir

às pressões decorrentes de administrar um mundo complicado. Somos convidados a prantear o falecimento do Ser Infinito. E o débil homem sobreviveu Àquele que o fêz!

Incapaz de enfrentar as ocorrências de um mundo dilacerado pela tragédia e o pecado, o Senhor Deus "entregou os pontos." Não conseguiu dirigir um mundo descontrolado pelo pecado. Assim sendo, o produto da criação de Deus destruiu-O com a sua incorrigibilidade. A maneira exata como Deus morreu, não me é possível deduzir da leitura dessa nova filosofia. Talvez fôsse de desapontamento ou coração quebrantado. Deus não foi absolutamente capaz de livrar o mundo dos seus problemas.

O homem finito, porém, ainda está bem vivo por aí, suportando admiravelmente bem a pressão de tudo isso. A inferência é que o homem é mais forte do que Deus, e que sua vida é mais resistente e elástica. O homem está mais bem preparado para viver consigo mesmo, do que sucede com Deus. De agora em diante, parece que o homem terá de assumir a direção do mundo. Temos nova administração. Podemos sentar-nos e ver como os dirigentes da raça humana resolverão a situação dificultosa. Caso o homem tenha sobrevivido a seu Criador, deve possuir suficiente perspicácia para divisar além das sombras do ocaso. Podemos quedar-nos agora a observar o que este frio mundo se tornará sem Deus!

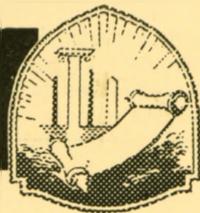
Celestial Lamentação Fúnebre

A quem o homem deve adorar daqui para a frente não é explicado com clareza. A nova filosofia soa como canto fúnebre. Despedaçaram a imagem do Deus vivo. Agora o pedestal está vazio, ou pior ainda, vemos entronizado ali um Deus substituto — um Deus morto. A quem adoraremos então? Alguns sugerem a seguinte alternativa: Poderá emergir um "Deus acima de Deus," que tome o lugar d'Aquele que morreu.

Sempre entendi que a primeira lei de toda religião boa é a seguinte: "Algo melhor é o emblema da vida." É porém um Deus morto melhor do que um Deus vivo? Deus não estava agindo incorretamente! O homem, entretanto, fêz uma confusão das coisas. Se o velho ho-

(Continua na pág. 24)

5. *El Mundo*, 4-10-61.
6. *Ibidem*.
7. *Ibidem e La Razón*, 5-9-62.
8. *O Cruzeiro*, 1-4-58.
9. *La Razón*, 28-5-59.
10. "Yo Estuve em un Plato Volador," G. Le Normand, pág. 58 (1955).
11. *Idem*, pág. 57.
12. *Ibidem*.
13. *Idem*, pág. 87.
14. "El Tercer Ojo," Lobsang Rampa, págs. 136 e 137.
15. "Yo Estuve en un Plato Volador," G. Le Normand, págs. 138, 139 e 140.
16. *La Razón*, 28-5-59.
17. *Idem*, 24-9-61.
18. *Idem*, 17-9-61.
19. *Idem*, 3-4-61.
20. *Idem*, 30-9-61.
21. *La Provincia*, de Neuquén, 27-8-60.
22. *La Razón*, 4-10-58.
23. *Idem*, 27-5-59.
24. *Así*, 16-7-65.
25. *O Conflito dos Séculos*, (nova ed. revista), pág. 675.
26. *Patriarcas e Profetas* (2ª ed.), pág. 102.
27. *Early Writings*, págs. 85 e 86.
28. *O Conflito dos Séculos* (2ª ed.), pág. 639.
29. *Idem*, págs. 602 e 603.
30. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 519.
31. *La Razón*, 4-10-58.
32. *Patriarcas e Profetas*, pág. 735.



Vinhos da Bíblia

Eram eles Inebriantes?

RICARDO J. BARNETT

Pastor na Associação Chesapeake – EE. U.U.



A POSIÇÃO dos adventistas do sétimo dia quanto ao uso de bebidas embriagantes sempre tem sido coerente e bíblica. A igreja em todo o tempo adotou o ponto de vida inequívoco de que as bebidas alcoólicas debilitam o corpo e a mente, não devendo portanto ser usadas pelos filhos de Deus, pois “se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado” (I Cor. 3:17). O uso destas bebidas não só prejudica o corpo e a mente, mas o resultado do hábito continuado de ingeri-las incapacita a pessoa para entrar no reino do Céu (capítulo 6:10). O álcool é formado pelo processo de fermentação. Fermentação significa morte, e a morte é resultado do pecado, por conseguinte a fermentação é uma espécie de pecado.

Existe evidente divergência da parte de vários estudiosos da Bíblia quanto ao uso de bebidas denominadas “vinho” nas Escrituras. Numerosas pessoas versadas na Bíblia, tanto no passado como no presente, concordam entretanto com a crença de que a palavra “vinho,” como é usada nas Escrituras, refere-se a uma bebida inebriante. Alguns têm ido ao ponto de insinuar que seu uso como tal tem a aprovação divina na Bíblia. Isto por sua vez tem servido como certo tipo de permissão para muitos participarem dessas bebidas alcoólicas, e usarem o vinho fermentado no serviço de comunhão, alegando que a Bíblia e até mesmo Jesus sancionam seu uso.

Vários livros de consulta — léxicos, comentários, dicionários e enciclopédias — também parecem concordar em que “vinho” e outras palavras correspondentes, em qualquer idioma, re-

ferem-se apenas a bebidas fermentadas. Nalguns casos afigura-se que isto é tido quase como certo, insinuando-se assim uma falsidade. Outras fontes são mais enfáticas em afirmar que os vinhos usados nos tempos bíblicos eram, em geral, fermentados. O Dr. Guilherme Smith, no seu *Dictionary of the Bible*, é um exemplo disto. Escreve êle:

“Tem-se debatido se o vinho hebraico era fermentado, mas a impressão causada na mente por uma análise geral das indicações acima [textos do Velho Testamento], é que as palavras hebraicas para designar o vinho referem-se ao vinho fermentado e embriagante.” — Página 997.

Se a citação acima fôsse certa, ainda que de modo geral, haveria evidente contradição por parte dos escritores da Bíblia quanto ao que realmente é indicado pela palavra “vinho” — um produto fermentado ou não fermentado. Reconhecidamente, num clima quente, sem a vantagem da refrigeração, o puro suco de uva teria de ser ingerido logo após sua produção, para evitar a fermentação. Mesmo esta suposição, porém, não pode ser considerada como significando que tôda vez que é empregada a palavra “vinho” na Bíblia, ela faça alusão ao vinho fermentado.

É óbvio que os escritores bíblicos estabelecem uma distinção entre os vinhos da Bíblia. No Velho Testamento, os sacerdotes araônicos foram proibidos de beber vinho ou bebida forte enquanto estivessem ministrando no tabernáculo (Lev. 10:9). Os que faziam o voto de nazireu eram igualmente proibidos de tomar vinho fermentado (Núm. 6:2 e 3). Estas proibições não podem absolutamente referir-se ao “puro sangue das uvas,” em que havia “bênção” (Deut. 32:14; Isa. 65:8).

O registro do Nôvo Testamento também é coerente. O primeiro milagre de Cristo na festa de casamento foi produzir “bom vinho” numa emergência. Era êste o puro suco de uva. Notai esta declaração inspirada:

“Foi Cristo que deu instruções para que João Batista não bebesse vinho nem bebida forte. Fôra Êle que dera a mesma prescrição à mulher de Manué. E proferiu uma maldição sôbre o homem que chegasse a taça aos lábios do próximo. Cristo não contradiz Seus próprios ensinamentos. O vinho não fermentado que proveu para os convidados das bodas, era uma bebida sã e refrigerante. Seu efeito havia de pôr o gôsto em harmonia com um apetite sã.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 106.

O derradeiro ato do Salvador para com Seus discípulos foi a instituição da Ceia do Senhor, para substituir a ceia pascoal. Que o vinho usado nesta ocasião não era fermentado, é confirmado pelo fato de que durante a época da páscoa a levedura e tôdas as outras coisas fermentadas não deviam ser encontradas em qualquer lar hebreu. (Êxo. 12:15). É inconcebível que o vinho usado para representar o sangue de Cristo (I Cor. 11:25) tivesse a contaminação do fermento e de sua causa, que é morte. Disse Jesus aos discípulos: “E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei dêste fruto da videira, até aquêle dia em que o hei de beber, nôvo, convosco no reino de Meu Pai” (S. Mat. 26:29). O vinho usado na Ceia do Senhor foi chamado de “fruto da videira.” O fermento é um símbolo do pecado, e como em Cristo não havia pecado, o vinho que representa Seu sangue não deve conter fermento.

O Velho Testamento menciona que o vinho “misturado” era empregado nas festas (Prov. 9:2 e 5) e ocasiões de intemperança (Isaías 5:22). Semelhante mistura de vinhos tinha evidentemente um efeito delirante (Prov. 23:29 e 30). Cumpre notar que na crucifixão de Jesus Lhe ofereceram “vinho com mirra,” para atenuar a dor (S. Mar. 15:23), mas Êle o recusou devido ao efeito entorpecente que exercia sôbre o cérebro. O Salvador da humanidade necessitava de tôdas as faculdades de Sua natureza para triunfar sôbre o adversário nestas últimas horas decisivas, por isso recusou o que teria contribuído para aliviar-Lhe a dor.

De passagem, convém notar que nos tempos bíblicos as videiras não eram cultivadas unicamente com o objetivo de produzir vinho, mas também para outros fins. Escreve o Dr. Eli Smith, que passou anos na Terra Santa: “O vinho não é o mais importante, mas sim o mais insignificante de todos os objetivos porque é cultivada a videira.” Creio ser significativo que quase tôdas as palavras que designam o produto da videira, são traduzidas simplesmente por “vinho.” Oséias 3:1, segundo a tra-

dução de Almeida, revela que a palavra “vinho” também pode ter o significado de “uvas.”

Cuidadoso estudo do emprêgo da palavra “vinho” em sua colocação original no hebraico e grego, revelará claramente o fato de que são mencionadas duas espécies de vinho nas Escrituras Sagradas — uma embriagante e outra não embriagante.

O hebraico é uma língua muito compacta, mas é rica em sinônimos. Por exemplo, existem treze palavras em hebraico para a palavra “homem” em português. Ela possui mais do que sessenta vocábulos diferentes para a palavra “tomar.” Há onze palavras traduzidas por “vinho” em nossas Bíblias; mas isto de um vocábulo português valer por quase uma dúzia em hebraico, destrói certamente muitas particularidades de seu significado. É óbvio que nem tôdas as onze palavras traduzidas por “vinho” se referem ao vinho da maneira como o conhecemos — embriagante ou não embriagante, mas a outros produtos da videira. Não é necessário, portanto, examinar tôdas as onze palavras hebraicas traduzidas por “vinho,” pois o testemunho da Bíblia hebraica se baseia em grande parte sôbre três palavras principais, e na maneira em que são usadas.

I. Velho Testamento

1. *Tirôsh*. O estudo das passagens em que ocorre esta palavra, quase não deixa dúvidas de que o vinho a que se refere é de tipo inócua e não embriagante. O vocábulo é empregado trinta e oito vêzes, e sempre é relacionado com coisas boas. *Tirôsh* foi dado para sustentar o homem (Gên. 27:37); êle alegra o coração (Sal. 104:15); produz regozijo e prosperidade (Prov. 3:10); é igualado aos bons frutos da Terra (Oséias 2:22). (Ver também Joel 2:19, Miquéias 6:15 e Zacarias 9:17.)

2. *Shekar*. A palavra “vinho,” quando traduzida de *Shekar*, sempre é uma bebida inebriante, e sua versão para “bebida forte,” nas Bíblias em português, é bem apropriada. Em nenhuma ocasião foi esta palavra sancionada pela Divindade. Notai como é usada: “O vinho é escarneador, e a bebida forte alvorçadora” (Prov. 20:1); ela produz pesar e contenda (Prov. 23:29 e 30); sacerdotes e profetas têm errado devido à bebida forte (Isa. 28:7); é proferida uma maldição sôbre os que seguem a bebedice (Isa. 5:11).

3. *Yayin*. Os textos em que se encontra esta palavra revelam ser ela simplesmente um vocábulo genérico que se refere ao vinho em geral. É usada tanto com aprovação como com desaprovação nas Escrituras, sendo que só o contexto poderá revelar se faz alusão ao vinho inebriante ou ao não inebriante. Este vocábulo ocorre 140 vêzes no Velho Testamento. Observai como ambas as espécies de vinho são representadas pela palavra *yayin*: Noé, “be-

bendo do vinho, embriagou-se" (Gên. 9:21); "Até quando estarás tu embriagada? Aparta de ti êsse vinho" (I Sam. 1:14); "Oprimiram o povo, e lhe tomaram pão e vinho" (Nem. 5:15); "Vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite" (Isa. 55:1, usado figuradamente).

Oséias 4:11 serve de bom exemplo para o emprêgo de duas das palavras hebraicas acima mencionadas: "A sensualidade, o vinho [*yayin*] e o mosto [*tirôsh*] tiram entendimento." Cumpre notar que *yayin*, o termo genérico para vinho, e *tirôsh*, indicando o vinho não fermentado, são citados aqui juntamente com a sensualidade. Isto é uma acusação contra o abuso do apetite e aponta para o estado de degradação em que tôdas as coisas contribuem para a sensualidade e a natureza carnal. Isto tanto poderia ser dito a respeito do abuso de bons alimentos e bebidas, como das que fôsem prejudiciais e embriagantes.

II. Nôvo Testamento

No Nôvo Testamento há três palavras gregas que são traduzidas por "vinho." A mais usada é *oinos*; as duas outras palavras são empregadas apenas uma vez, fazendo alusão ao vinho fermentado. São *sikera* e *gleukos*, usadas nos seguintes textos: "[João Batista] não beberá vinho [*oinos*] nem bebida forte [*sikera*]" S. Luc. 1:15; "Outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto [*gleukos*]" (Atos 2:13).

A Versão dos Setenta usa a palavra grega *oinos* para traduzir tanto a *yayin* como a *tirôsh* — das quais a primeira alude ao vinho em geral, e a última ao vinho não fermentado. Em virtude disto, a erudição cuidadosa deveria empreender a interpretação dos textos em que aparece o vocábulo *oinos*, levando em consideração o contexto em que se encontra a palavra. Só isto determinaria se *oinos* deve ser traduzido por bebida inebriante ou não. Observai o emprêgo de *oinos* nas seguintes passagens: S. Luc. 7:33 — "Pois veio João Batista, não comendo pão nem bebendo vinho, e dizeis: Tem demônio." S. Luc. 10:34 — "O bom samaritano "pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho." S. João 4:46 — "Dirigiu-Se [Jesus] de nôvo a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho." A palavra *oinos* é usada em cada um dos textos acima, mas evidentemente são descritas diferentes espécies de vinho.

Alguns escolhem certas passagens em que é usada a palavra "vinho," não conhecendo o emprêgo que lhe é dado nas línguas originais, e deturpam o verdadeiro sentido da palavra a fim de servir a seus próprios objetivos. É inconcebível que Paulo, por exemplo, aconselhasse certas pessoas da igreja primitiva a usar *shekar* nu-

ma ocasião, e a evitá-lo noutra ocasião, pois Paulo sabia que os vinhos fermentados eram terminantemente condenados no Velho Testamento, a Bíblia de seu tempo.

O estudo dos vinhos da Bíblia revela o fato de que para tôda boa coisa feita por Deus, inventou Satanás uma contrafação. Em parte alguma das Escrituras se pode provar que Deus sancionou o uso de vinho fermentado. Ele outorgou ao homem o puro suco de uva, para seu deleite e benefício. Proveu-o como símbolo do sangue derramado de Cristo em nosso favor, e, acima de tudo, temos a promessa do Salvador: "Não beberei dêste fruto da videira, até aquêle dia em que o hei de beber, nôvo, convosco no reino de Meu Pai" (S. Mateus 26:29).

"O Campo é Mundo"

(S. Mat. 13:38)

"Erguei os vossos olhos e vêde os campos, pois já branquejam para a ceifa." S. João 4:35.

População Religiosa do Mundo Almanaque Mundial — 1964

Religião	Total de Adeptos no Mundo Todo
Cristã (Católicos romanos, católicos ortodoxos, protestantes)	916.370.000
Judaísmo	12.867.000
Maometismo	437.278.000
Zoroastrismo	142.000
Xintoísmo	59.788.000
Tauísmo	50.062.000
Confucionismo	334.549.000
Budismo	155.265.000
Hinduísmo	340.844.000
Primitiva	2.307.481.000
Outras ou nenhuma	676.007.000

Densidade dos Adventistas do Sétimo Dia 1962

América do Norte	1 ASD para	562 hab.
Australásia	1 ASD para	249 "
Europa Central	1 ASD para	1.817 "
Extremo Oriente	1 ASD para	2.272 "
América Central	1 ASD para	575 "
Oriente Médio	1 ASD para	45.583 "
Europa Setentrional	1 ASD para	2.892 "
América do Sul	1 ASD para	870 "
Ásia do Sul	1 ASD para	21.990 "
Europa do Sul	1 ASD para	2.492 "
África	1 ASD para	353 "

Nenhuma igreja enfrenta tão grande desafio
Para apresentar uma mensagem tão vital
Para alcançar uma população tão grande
Em tão pouco tempo.

Disse Jesus: "A Minha comida consiste em fazer a vontade d'Aquêle que Me enviou, e realizar a Sua obra." S. João 4:34.

OBRA PASTORAL



Oportunidade para os Ministros Ganharem Almas

H. W. LOWE

Presidente da Comissão de Pesquisas da Associação Geral



SE Cecil Rhodes pôde unir a imensidade da tarefa de colonizar a África do Sul com a brevidade do tempo, então certamente todo ativo pregador adventista deveria pensar em duas frases sucintas ao relacionar a enorme tarefa do evangelismo com a iminência do Segundo Advento: "Tanto para fazer! Tão pouco tempo!"

A intensidade do esforço humano não é o segredo de terminar a obra de Deus, por maior e mais urgente que ela possa ser. A frase muitas vezes usada: "Levantemo-nos e terminemos a obra," está teologicamente errada, pois o Senhor "completará a obra" (Rom. 9:28 — versão inglesa). Isto se dará por intermédio do Espírito de Deus, não da força humana.

Tendo estendido nossa teologia até este ponto, não nos esquivemos ao fato de que Deus completa Sua obra por meio do Espírito Santo na pessoa que se submete a Ele. Paulo expôs isto ao atribuir ao Senhor Jesus Cristo toda a glória pela vida transformada: "A vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus," e "vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gál. 2:20).

Tudo na vida terrestre de Jesus era feito em relação com a salvação do homem. Jesus era o sempre-atento ganhador de almas. Em toda parte via almas que precisavam ser salvas. O ministro cristão cuja vida se acha escondida com Cristo em Deus é incansável no labor, e diligente em descobrir almas prontas para o reino. Contudo, ninguém é demasiado vigilante ou perceptivo na salvação de almas.

"Pelo esforço bem dirigido e perseverante" pode "haver muitas, muitíssimas almas mais levadas ao conhecimento da verdade." — *Testemunhos para Ministros*, pág. 149.

Almas Esperando Pelo Batismo

Os departamentos da igreja são campos frutíferos para conquistar almas, e visto que a Escola Sabatina inclui a todos desde o nascimento até o fim da vida, nenhum outro setor é mais útil para o ministro conseguir que todo membro do rebanho seja batizado e firmemente estabelecido nas verdades da mensagem adventista. Nela há almas que esperam ser "encontradas" em Cristo, e aquele que não é capaz de discernilas, por certo necessita de nova unção do Espírito Santo.

Se "mediante a graça de Cristo, os ministros de Deus são feitos mensageiros de luz e bênção" (*Atos dos Apóstolos*, pág. 278) para as almas anelantes fora da igreja, devem ser portanto muito mais habilitados a levar a salvação aos que frequentam a igreja através da Escola Sabatina, mas que ainda não são batizados.

As crianças podem ser ganhas para Cristo muito antes de serem consideradas suficientemente desenvolvidas para o batismo. Dedicados e competentes professores, atentos e afáveis ministros, homens e mulheres leigos incentivados a auxiliar os membros mais novos do rebanho e, acima de tudo, pais compreensivos e vigilantes — todos contribuem de alguma forma para a conversão de meninos e meninas. Seu batismo posterior é então quase uma conclusão antecipada.

Quando os jovens passam a idade juvenil sem se batizarem, deve o ministro ser duplamente vigilante e prudente. Passar dos quinze ou dezesseis anos sem batizar-se conduz nossos rapazes e moças a uma situação perigosa. Depois desse tempo, diminui a prontidão deles para o batismo, e normalmente cada ano que passa aumenta a dificuldade da decisão. O objetivo dos professores e ministros é conseguir que cada jovem seja batizado enquanto ainda se acha na idade influenciável. Os ministros aumentam consideravelmente o valor de sua

obra observando com diligência o momento psicológico para os jovens não batizados confessarem publicamente a Cristo.

Sempre há alguns que atravessam a adolescência sem se batizarem, devido a determinadas razões. Não é fácil trabalhar com eles, e leva mais tempo para conquistá-los nessa idade, do que quando eram mais novos. O ministro experiente mantém-se bem perto deste grupo. Os jovens que se tornam adultos sem se batizarem estão em perigo. Se contraem matrimônio e não são membros da igreja, o perigo é ainda maior. Mas o ministro dedicado cuida destas pessoas, sempre procurando levá-las ao batismo e a se tornarem membros responsáveis da igreja.

Interessando-se Pelos Adultos não Batizados

Em toda igreja tá alguns adultos não batizados. Por diversas razões que não pretendemos mencionar aqui, certas pessoas assistem aos cultos conosco sem serem batizadas. O ministro age na suposição de que a freqüência regular conduza logicamente à cabal união com a igreja. Tais casos devem ter antecedentes peculia-

res, e poderá ser necessário tomar medidas para cultivar-lhes a confiança. Cada um deles, porém, constitui um batismo ou rebatismo em perspectiva.

As visitas de nossas Escolas Sabatinas são um campo profícuo para os ministros ganharem almas. Convém que eles reúnam todos os visitantes numa classe especial, da qual os próprios ministros serão os professores. É natural esperar batismos destas classes.

Na verdade a Escola Sabatina é um campo missionário para cada ministro. "A Escola Sabatina, devidamente dirigida, é um dos grandes instrumentos divinos para levar almas ao conhecimento da verdade," diz a serva do Senhor no livro *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, à pág. 115. O ministro é abrangido por esta declaração, pois embora outros assumam a direção rotineira da Escola, será êle que estudará as doutrinas com as novas pessoas, e as batizará.

Usar a Escola Sabatina como fator contribuinte para o programa de salvação de almas, certamente caracteriza o ministro diligente, ativo e dedicado.

Um Incidente em Minha Vida

ADLAI A. ESTEB

TUDO começou em 1927, na China, quando comprei um pequeno livro intitulado "Cheques do Banco da Fé," escrito por H. G. Spurgeon.

Comecei a ler os 730 textos da Escritura, e os comentários de Spurgeon sobre êsses textos. Quantas vezes exclamei: "Como é possível que eu nunca tivesse visto tão bela lição espiritual neste texto da Escritura?" Ali estava eu, ministro ordenado da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e nunca tinha notado aquelas pérolas que Spurgeon descobrira.

Então fui levado a considerar quanto tempo gastava em alimentar o meu corpo cada dia. Quantos minutos para o desjejum, quantos minutos para o almoço e quantos minutos para o jantar. Comecei depois a examinar quanto tempo gastava para alimentar minha alma. Como surpreendente revelação, descobri que gastava muito mais tempo e dinheiro com o alimento físico do que com o alimento espiritual.

Em seguida fui levado a fazer esta resolução de Ano Novo: Nunca mais eu daria de comer ao meu corpo, pela manhã, sem que antes me tivesse alimentado espiritualmente.

Desde então tenho cumprido esta resolução. No decorrer dos anos, ela tem-me dado nova experiência, e uma vida de paz, de poder e de bênçãos. Quando me levanto, os meus primeiros pensamentos se voltam para o Livro dos livros. Que regozijo passar o precioso período da manhã ouvindo a voz de Deus falar ao meu coração! É maravilhoso olhar para a face de Deus antes de olhar para a face dos amigos.

Já li umas quarenta vezes a Bíblia toda, e cada ano tiro mais proveito da leitura. Ela é meu maior tesouro.

A Bíblia é o maná matutino para a minha alma. Ao estudá-la, sinto-me como se estivesse comendo o alimento dos anjos. "Aquêle que abre as Escrituras, e se alimenta com o maná celeste, torna-se participante da natureza divina."—Ellen G. White, na *Review and Herald*, 8 de junho de 1892.—*Boletim Adventista*.

“Nenhum de nós Vive Para Si Mesmo”

A. F. TARR

Secretário Associado da Associação Geral



NO fim de um atarefado dia em visita aos lugares de interesse na Palestina, um grupo de turistas ocidentais pôs-se a conversar com seu cicerone na amena atmosfera do anoitecer. Num gesto de amizade, um dos turistas ergueu a mão para as cintilantes estrêlas e, voltando-se para o guia, exclamou: “Allah!” Impulsivamente o guia agarrou a mão do ocidental, replicando: “Irmãos!”

Se a lembrança de seu grande Deus, Allah, impressionou a mente daquele beduíno com a estreita relação duma pessoa para com outra, quanto mais deveria o cristão acalentar e promover a comunhão oriunda não só de um Deus-Criador, mas de Seu Filho-Redentor, que Se tornou o Irmão mais velho da raça humana.

Em seu desvelo pastoral pelos primitivos conversos cristãos, o apóstolo Paulo salientou esta íntima conexão duma maneira bastante vívida: “Porque nenhum de nós vive para si mesmo” (Rom. 14:7). Um pouco mais para a frente, no mesmo capítulo, êle fêz esta surpreendente aplicação: “Se por causa de comida o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida não faças perecer aquêle a favor de quem Cristo morreu” (verso 15).

Paulo Olhava os Homens Através da Cruz

Paulo avaliava cada pessoa sob o aspecto da cruz do Calvário: qualquer injustiça causada a alguém, era como que um golpe mortal a uma pessoa pela qual nosso Senhor vertera Seu precioso sangue. Na sua primeira carta aos coríntios, Paulo dedicou um capítulo inteiro para esclarecer esta verdade (I Cor. 8). Naquela cidade, havia o costume de venderem no mercado carnes que haviam sido sacrificadas aos ídolos. Alguns cristãos estavam em dúvida quanto à

atitude que deviam tomar para com o comer estas carnes.

Paulo enfrentou a questão de maneira franca: “Sabemos que o ídolo de si mesmo nada é no mundo, e que não há senão um só Deus. . . . Pois nada perderemos se não comermos, e nada ganharemos se comermos” (I Cor. 8:4-8). Seus pensamentos então se dirigem para os membros mais fracos na igreja, e faz esta advertência aos que se consideram fortes: “Vêde, porém, que esta vossa liberdade não venha de modo algum a ser tropêço para os fracos. . . . Assim, por causa do teu saber perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. E dêste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciêcia fraca, é contra Cristo que peçais” (versos 9:12).

Em seguida, referindo-se a si mesmo, faz êle esta impressionante declaração: “Por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo” (verso 13).

Nenhuma Desculpa para os Negligentes

Não vivemos mais numa época — pelo menos na maioria dos países — em que as carnes sacrificadas aos ídolos constituem um problema na igreja cristã, mas existem ainda milhares de maneiras em que um irmão escandaliza o outro. A pessoa escandalizada pode encontrar-se em nosso próprio lar, comunidade ou igreja, sendo talvez mesmo um colega de trabalho que devido à nossa influência descuidada fique desalentado ou vacile em sua difícil jornada pela estrada da vida. Até o intrépido apóstolo Paulo era influenciado por seus companheiros de ministério, pois escreve o seguinte de uma experiência sua: “Quando cheguei a Trôade . . . , e uma porta se me abriu no Senhor, não tive, contudo, tranqüillidade no meu espírito, porque não encontrei o meu irmão Tito” (II Cor. 2:12 e 13). Não é declarado o que impediu Tito de encontrar-se com Paulo no tempo estipulado, mas todo o programa de Paulo foi alterado, pois êle acrescenta: “Despedindo-me dêles, parti para a Macedônia.”

Quando Tito finalmente se encontrou com ele em outro lugar, escreveu Paulo: "Deus, que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito" (II Cor. 7:6). Dois mil anos não obscureceram o relato bíblico da influência que este jovem obreiro exerceu sobre um dos maiores dirigentes espirituais de todos os tempos.

Escrevendo para a igreja de Roma, Paulo declarou: "Desejo ver-vos, . . . para que, entre vós, reciprocamente nos confortemos, por intermédio da fé mútua, vossa e minha" (Rom. 1:11 e 12). Meditando na inspiração e bênção que Paulo levou às igrejas, olvidamos às vezes o conforto que ele próprio almejava receber dos membros e obreiros.

Da prisão em Roma, Paulo enviou este urgente apêlo a Timóteo: "Procura vir ter comigo depressa. Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou" (II Tim. 4:9 e 10). Quão grande era o anseio de Paulo por companheirismo!

Mais intensa ainda foi a gratidão daquele apóstolo quando, cansado e com os pés doloridos, e algemado aos outros detentos, encontrou-se com os irmãos de Roma que viajaram mais de sessenta quilômetros para estar com ele. "Vendo-os Paulo, e dando por isso graças a Deus, sentiu-se mais animado." Atos 28:15.

Cristo Ansiava por Amizade

O próprio Senhor Jesus ansiava pela amizade e simpatia de Seus discípulos. Certa ocasião, quando alguns de Seus antigos discípulos O estavam abandonando, Ele indagou aos doze de modo enternecedor: "Porventura quereis também vós outros retirar-vos?" (S. João 6:67).

Mais tarde, no Jardim do Getsêmani, perguntou tristemente aos Seus discípulos que dormiam em vez de vigiar: "Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?" (S. Mat. 26:40.)

Se pois o grande apóstolo Paulo e o próprio Senhor Jesus Cristo se entristeceram pela influência e o descuido de seus companheiros, não haverá ministros em nossa obra hoje em dia cujas mãos foram debilitadas, e os quais se desanimaram desnecessariamente pela falta de simpatia e compreensão de seus colegas de trabalho?

Enquanto eu era o presidente duma União, um dos muitos irmãos que costumavam escrever-me era o Pastor D. C. Theunissen. O parágrafo final de uma de suas cartas parece caracterizar muito bem a sua bondade: "Espero que o senhor esteja desfrutando a bênção de Deus no trabalho. Não se esqueça de que cada manhã menciono seu nome perante o Senhor; também o dos outros membros da família, pois todos desejamos passar a eternidade juntos quando Jesus vier." Na mesma carta ele cita um

parágrafo de *Testemunhos Seletos*, Vol. 3, pág. 174:

Os Obreiros Precisam de Encorajamento

"Ao terdes oportunidade, falai aos obreiros; dizei palavras que sejam uma força e inspiração. Somos demasiadamente indiferentes uns com os outros. Demasiadas vezes nos esquecemos de que nossos coobreiros carecem de força e animação. Em tempo de perplexidades e responsabilidades especiais, tende o ânimo de demonstrar-lhes vosso interesse e simpatia. Enquanto procurais ajudá-los com vossas orações, comunicai-lhes que o estais fazendo. Irradiai a mensagem de Deus aos Seus obreiros: 'Esforça-te, e tem bom ânimo!'"

A esta inestimável admoestação, pode-se acrescentar o seguinte: "Irmãos e irmãs, terdes olvidado que vossas orações deveriam acompanhar, como foices aguçadas, os obreiros no grande campo de colheita? Quando os jovens partem para pregar a verdade, deveis ter períodos de oração em favor deles. Orai para que Deus os una com Ele e lhes dê sabedoria, graça e conhecimento. Rogai que sejam guardados das ciladas de Satanás e conservados puros em pensamentos e limpos de coração. Insto com vós os que temeis ao Senhor a que não desperdiceis tempo algum em conversas inúteis ou em trabalho supérfluo para satisfazer o orgulho ou para favorecer o apetite. Que o tempo assim poupado seja empregado para orar fervorosamente a Deus em favor de vossos ministros. Sustentai-lhes as mãos como Arão e Hur fizeram com as de Moisés." — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 162.

A igreja remanescente hoje em dia depara com poderosas influências que desejam separar os membros e desalentar os ministros. Cada membro da igreja e cada obreiro necessitam de todo o estímulo e boa vontade que seus irmãos e companheiros lhes possam dispensar. Às vezes, uma palavra de simpatia, compreensão ou amizade é suficiente para produzir encorajamento.

O Apêlo de Churchill

Era um momento em que a Grã-Bretanha enfrentava a maior crise de sua história. A utilização de todos os seus recursos era essencial para a sobrevivência. Sir Winston Churchill tivera uma desavença com um de seus partidários. Sentia agora a necessidade de não somente consolidar os recursos materiais, mas também de estabelecer um espírito de amizade e confiança mútua. Enviou pois o seguinte apêlo pessoal àquele partidário: "Somos tão poucos, os inimigos são tantos, nossa causa é tão

(Continua na pág. 23)

Sua Majestade "Chibolete" (1)

RODOLFO BELZ

Presidente da União Este-Brasileira



A HISTÓRIA do encontro dos efrimitas com Sua Majestade "Chibolete" é muito interessante. Custou a vida de quarenta e dois mil de seus desafetos. Grande monarca, impecável estrategista, pois dirigiu a batalha de tal maneira que derrotou o inimigo sem perder um só dos seus. Embora haja muito boas aplicações e lições neste interessante encontro, queremos mencionar uma que nos parece útil à igreja em geral. Também nós vemos por todos os lados o emprêgo de "Chibolete." Ainda que não se mate fisicamente, procura-se aniquilar muitas vêzes a personalidade daquele que não pronuncia "a nosso modo" o nosso "Chibolete."

Este monarca tem o seu trono no lar, na igreja, na sociedade e na administração da obra em geral. *No lar*, quando a espôsa ou o espôso, por qualquer motivo, não faz o que o outro espera ou exige, surge o veredicto do severo monarca e *mata-se a paz no lar*.

Quando uma ovelha *na igreja* foge do aprisco, num momento de descuido; quando por palavra ou ação se excede, passando o limite das normas estabelecidas — embora seja por tentação ou fraqueza carnal, surge a ação mais fácil e a que dá menos trabalho, e então, muitas vêzes sem a preocupação de trazê-la ao arrependimento, seguindo boatos não comprovados, decidem cortá-la da comunidade da igreja. Oh! Majestade, um pouco mais de complacência, mais amor, mais misericórdia, pois "sabei que aquêle que converte o pecador do seu caminho errado, salvará da morte a alma dêle, e cobrirá multidão de pecados." (2) Quantas vêzes são destruídos os bons sentimentos da alma, com uma severidade prematura. Cuidado, Vossa Alteza, pode haver milhares que, embora pronunciem "sibolete," nunca dobraram os joelhos perante Baal.

E a Sociedade? "Conta-se a história de um santo homem, de cujas santas virtudes a fama se espalhou para muito longe. O diabo, então, enviou os mais espertos de seus anjos a fim de procurarem tentá-lo a cometer algum pecado. Mas os espíritos maus nenhum êxito tiveram ao procurarem inflamar-lhe os apetites e pai-

xões, e induzi-lo ao pecado. O santo homem permaneceu firme, e êles tiveram de voltar derrotados a seu mestre. O diabo repreendeu-os por seus métodos bruscos e rude modo de agir. E disse-lhes que êle mesmo lhes mostraria como levar um santo ao pecado. Assim foi ter o diabo com aquêle homem. Louvou-o pelas suas santas virtudes e sua firme resistência ao pecado. E, ao terminar a sua visita, fêz a seguinte observação: "Já ouviu você as boas-novas? Seu irmão mais môço foi escolhido bispo de Alexandria." Ante esta notícia, o santo homem encheu-se de ira, oriunda da inveja, e condenou a igreja por haver cometido o disparate de escolher seu irmão para tão elevado cargo, quando êle próprio se julgava com muito mais habilidade para assumi-lo." (3)

Isto representa o reinado de Sua Majestade "Chibolete" na sociedade. Diz a Sr^a White: "A desumanidade do homem para com o homem, eis nosso maior pecado." (4) Por qualquer coisa, julgamos o nosso semelhante, o criticamos e o condenamos, na grande maioria das vêzes sem conhecer os verdadeiros fatos e motivos. Assim, por inveja, amor próprio, ódio, *matamos a graça, a união e o amor*.

O mesmo se dá na *Administração da obra* de Deus em geral. Diz a Sr^a White: "Deus tem maneiras várias de operar, e possui obreiros diversos, aos quais confia diferentes dons." "A diversidade de dons conduz à diversidade de operação. . . Não devem limitar a obra a suas idéias particulares." (5) Assim sendo, a obra necessita de homens com diferentes maneiras de agir e trabalhar, desde que estejam dentro das doutrinas fundamentais da igreja, conforme ensinadas na Bíblia. "É um êrro retirar-nos daqueles que não concordam com as nossas idéias." (6) "Não ceda o homem ao ardente desejo de se tornar um grande líder, ou a desejar independentemente idear e estabelecer planos tanto para si mesmo como para a obra de Deus." (7)

Infelizmente, meus irmãos, com todos os ensinamentos que temos, êsse monarca tem um grande exército de adeptos. São os que desejam que se diga, não "Chibolete," mas "Amém" a tudo que querem e desejam, *matando assim a boa iniciativa e a consciência*, êste relógio do alarme divino.

(Continua na pág. 23)



MÚSICA

Os Instrumentos Musicais da Igreja

HUGO DARIO RIFFEL



“OS levitas e os sacerdotes louvaram ao Senhor dia em dia, com instrumentos que tocaram fortemente em honra ao Senhor.” II Crôn. 30:21.

A ajuda prestada nos serviços religiosos por um bom instrumento musical é inapreciável, por isso os ministros devem interessar-se em tudo o que se relaciona com os instrumentos que são propriedade da igreja e servem no culto.

Usam-se três instrumentos na maioria de nossas igrejas: órgão, harmônio e piano. Sua escolha depende do tamanho do templo, das possibilidades financeiras e também do maior ou menor conhecimento musical dos que os escolhem. Toda igreja que esteja em condições de fazê-lo, deve comprar um órgão. Isto, porém, não é possível para muitas congregações.

Ao falar sobre o órgão, é necessário definir primeiramente o instrumento, pois são postos a venda dezenas de “órgãos” que não merecem esse nome. Para ser considerado como tal, o órgão deve ter pelo menos dois teclados de 61 notas e um conjunto de pedais de duas oitavas (25 pedais). Qualquer instrumento semelhante ao órgão que não tenha essas possibilidades mínimas é inadequado para a execução da música para órgão, e sua aquisição constitui grande perda.

Sempre são preferíveis os órgãos de tubos, não somente pela inimitável qualidade do som, mas também por sua maior durabilidade. Calcula-se que um órgão de tubos devidamente cuidado dura em média 50 anos, ao passo que um órgão eletrônico, por mais cuidado que se tenha com ele, deve ser substituído no máximo aos 25 anos. Além disso, no órgão de tubos, os organistas com pouca prática ou mal orientados não têm a possibilidade de usar os registros ou efeitos mundanos que, quase sem exceções, são oferecidos pelos órgãos eletrônicos.

Não obstante, na maioria dos casos, o proble-

ma está na escolha do harmônio ou piano. Em geral deve-se preferir o harmônio, pois suas características o tornam mais útil na música religiosa do que o piano. Também há muitos tipos de harmônios e pianos, e devem ser escolhidos os mais sólidos e de melhor som.

Há uma questão muito importante, que escapa às vezes da atenção dos ministros: a conservação dos instrumentos da igreja. Sendo que cada pastor dedica seu tempo para atender várias igrejas e grupos, é compreensível que não possa prestar atenção a cada um dos instrumentos respectivos. Por isso é recomendável nomear uma pessoa ou comissão para realizar o referido trabalho e ser responsável perante a igreja pelo estado dos instrumentos.

Quando os harmônios ou pianos estão em más condições (e isto não é tão raro como parece), prejudicam o organista, o diretor de canto, o cântico e a congregação. Em tais circunstâncias a participação da música torna-se mais um estorvo do que um auxílio para o culto.

Todos os instrumentos: órgãos, harmônios e pianos devem ser afinados. A melhor época é a primavera, visto que os principais agentes daninhos são o frio e a umidade. Também é muito útil evitar os efeitos do frio e da umidade, empregando alguma fonte de calor dentro do instrumento, ou usando uma placa isolante. Convém não esquecer que mudar os instrumentos de lugar causa às vezes danos consideráveis.

Talvez os fundos sejam escassos para cobrir as despesas com a conservação dos instrumentos; entretanto, podem-se fazer contratos com alguma pessoa ou companhia responsável, para que o trabalho seja efetuado regularmente uma ou duas vezes por ano. Assim, desde o início já se sabe o montante das despesas, e podem ser tomadas as providências necessárias.

Oxalá os ministros compreendam a necessidade de adquirir bons instrumentos musicais, e, acima de tudo, de nomear pessoas responsáveis para a preservação dos que estão em uso. Desta maneira, a música da igreja assemelhar-se-á um pouco à harmonia celestial.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Relação Entre as Setenta Semanas de Daniel 9 e os 2.300 Dias de Daniel 8

(Continuação)

Considerando isto dêste modo, ver-se-á que tôdas as 70 *hebdomad*s são computadas na íntegra quando sucederam historicamente os eventos da "metade" da setuagésima ou última *hebdomad*. A fração da setuagésima *hebdomad* que restou após a morte, ressurreição e ascensão de nosso Senhor, não era mais então uma questão de consequência material. As condições da profecia exigiam um grupo de sete eventos (seis no verso 24 e um no verso 27), todos os quais deviam ocorrer na "metade" da última, ou setuagésima, *hebdomad*. E todos êles sucederam no tempo designado. Repetimos, porém, que *não é predito evento algum para assinalar o término da última unidade*. As primeiras 69 *hebdomad*s atingem à manifestação do Messias, e a setuagésima — a *hebdomad* restante — é computada como uma unidade pelos eventos centralizados no Calvário e ocorrendo na "metade" da semana. Caso algum evento devesse acontecer na metade de determinado dia, e êle ocorresse exatamente na hora indicada, não estaria a expectativa perfeitamente cumprida, não importando o que acontecesse durante ou no final da metade restante dêsse dia?

Creemos que sucedeu assim com a setuagésima *hebdomad*, ou unidade de 7, na série das 70. A data exata, ou ponto de partida, da primeira *hebdomad* de tôda a série de 70 foi estabelecida como 457 A. C. Isto é essencial. E o ano inicial da última *hebdomad* (27 A. D.) também é conhecido. Possuindo-se êstes fatores identificados, não pode haver erro na computação do tempo dos eventos a ocorrerem na "metade" da setuagésima *hebdomad*, que é o ponto focal de tôda a profecia.

Assim, embora vários expositores (como Hales, Tanner, Taylor etc.) sugiram o martírio de Estêvão como evento final da setuagésima semana — e isso pode ser bem razoável — nenhum marco histórico é realmente necessário, e talvez nenhum possa ser indicado com certeza.

Reconhecemos portanto que a setuagésima *hebdomad* tem sua ênfase fundamental no transcendente evento da morte de Cristo, junto com os seis grandes corolários, todos agrupados no meio da última *hebdomad*.

10. OUTRAS DESDITAS A RECAÍREM SÔBRE OS JUDEUS. — Em seguida são preditas as espantosas adversidades a ocorrerem após o término das 70 semanas. Elas vieram em consequência da rejeição do Messias pelos judeus, e abrangiam a destruição do Templo, o arrasamento da cidade de Jerusalém, a dispersão do povo judeu e uma sucessão de calamidades irrompendo sôbre Jerusalém como um dilúvio de desolação (Daniel 9:26). O tempo exato não foi predito, mas os eventos ocorreriam *após* haverem terminado as 70 semanas de anos, em 34 A. D. E convém notar especialmente que essa trágica retribuição *não* era um dos atos específicos que assinalariam a setuagésima semana — acabar com a transgressão, dar fim aos pecados, fazer reconciliação, trazer justiça eterna, selar a visão e ungir o Santo dos Santos. Foi o terrível resultado e a inevitável consequência da rejeição do Messias, por parte de Israel.

A temível "abominação da desolação," mencionada por Daniel, o profeta, foi citada pelo próprio Cristo em Sua grande profecia: "Quando pois virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê atenda" (S. Mat. 24:15-20; comparar com S. Mar. 13:14). Isto é explicado mais detalhadamente pelas palavras: "Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação" (S. Luc. 21:20). Centenas de milhares foram mortos, dezenas de milhares foram vendidos em cativo, e houve guerra após guerra.

11. TERRÍVEL CASTIGO INCIDE SÔBRE JERUSALÉM. — O próprio Cristo, predizendo a completa destruição e desolação a

sobrevir a Jerusalém devido às suas iniquidades acumuladas, declarou: "Em verdade vos digo que tôdas estas coisas hão de vir sôbre esta geração" (S. Mat. 23:36). Essas condenações profetizadas sôbre Jerusalém e o Templo sucederam *depois* do término das 70 semanas, mas no período da geração especificada. Eram inevitável consequência do supremo pecado de Israel em rejeitar o Messias. Destarte encheu-se a medida de sua iniquidade (verso 32). Olhando para o futuro imediato, nosso Senhor chorou sôbre a cidade, dizendo:

"Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! mas agora isto está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sôbre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de tôdas as bandas; e te derribarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem; e não deixarão em ti pedra sôbre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitação" (S. Luc. 19:42-44).

A partir de 66 A. D. irrompeu a guerra entre os judeus e os romanos, atingindo seu clímax em 70 A. D. O Templo deixou de ser o lugar da habitação de Deus, e seus sacrifícios terrestres perderam o significado. Os zelotes foram denunciados por Josefo como a causa direta da destruição (*Wars* iv. 3. 3). Esses *sicarii* ("assassinos") profanavam tudo o que era santo, e suas atividades caracterizavam-se por atrocidades, profanação e violência. O resultado foi completa destruição.

Poucos dias antes da Páscoa de 70 A. D., os destruidores romanos, chefiados por Tito, chegaram a Jerusalém. Atacaram a cidade e logo abriram uma brecha no muro. A cidade foi subjugada. Ao serem tomados os recintos do Templo, cessaram os sacrifícios diários. O Templo foi queimado e destruído, e os judeus massacrados impietosamente — seu sangue, conforme declara Josefo, escorria pelos degraus abaixo. Viera o assolador. A cidade e o Templo estavam em ruínas; efetuara-se a desolação.

12. RELAÇÃO ENTRE AS 70 SEMANAS E OS 2.300 DIAS. — Devido ao fato de que a crucifixação de Cristo na metade da semana comprova definitivamente o início correto das 70 semanas, e como elas foram subtraídas dos 2.300 dias, afirmamos que os dois períodos começaram simultaneamente na completa restauração de Jerusalém e do templo-santuário, bem como das leis e do governo judaico, em 457 A. C. Numerosos expositores adotaram 457 A. C. como a data determinante. Declarou o Dr. Tiago Strong, do Seminário Teológico Drew, tradutor para o inglês e revisor de Zöckler (*Lange's Commentary*, sôbre Dan. 9:24-27): "A única 'ordem' que corresponde à do verso 25 é a de Artaxerxes Longímamo, promulgada

no sétimo ano do seu reinado, e registada no sétimo capítulo de Esdras, como foi demonstrado copiosamente por Prideaux, e é aceito por muitos críticos." *

Com isso concordaram, de maneira plena e independente, dezenas e dezenas de eruditos em diversos países e pertencendo a muitas religiões, desde o tempo de João Petri, da Alemanha — 1768 em diante. (Ver a evidência histórica apresentada na Pergunta 27.)

* Funck, Nigrinus, Bullinger, Coceius, Sir Isaque Newton, Cappel, Horch, Bengel e Petri encontravam-se entre os dirigentes da Reforma e pós-Reforma dos séculos dezesseis e dezessete, que aceitaram a data do sétimo ano de Artaxerxes (457 A. C.).

Os escritores do Velho Mundo, em princípios do século dezenove, incluem Prideaux, Faber, T. Scott, A. Clarke, Cuninghame, Mason, Brown, Fry, White, Cooper, Homan, Keyworth, Addis, Hoare, Digby, Keith, Habershon, Bickersteth e Gausson. E os expositores do Novo Mundo, em princípios do século dezenove, incluem Boudinot, R. Scott, Livermore, Wheeler, Shannon, Tyng e Hinton.

Entre os eruditos mais recentes, podem ser citados Jamieson, Faucett e Brown, Rule, Pusey, Auberlen, Blackstone, Leathes, Tanner e Boutflower. — *Questions on Doctrine*, págs. 290-295.

"Nenhum de nós Vive . . .

(Continuação da pág. 19)

grande que não podemos de maneira alguma enfraquecer-nos uns aos outros."

Isto nos faz lembrar das memoráveis palavras de Paulo: "Por isso restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos; e fazei caminhos retos para os vossos pés, para que não se extravie o que é manco, antes seja curado. Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Heb. 12:12-14).

Sua Majestade . . .

(Continuação da pág. 20)

Aqui termina minha crônica, Majestade. Muito equilíbrio, tudo com amor e sobretudo o espírito de Jesus Cristo! Muita complacência para aquêle que não pode pronunciar o teu "Chi bolete!"

BIBLIOGRAFIA:

1. Juizes 12:4.
2. S. Tiago 5:20.
3. Frederick Lee, na *Revista Adventista*, outubro de 1953, pág. 7.
4. *Obreiros Evangélicos*, pág. 136.
5. *Idem*, págs. 478 e 479.
6. *Testemunhos para Ministros*, pág. 500.
7. *Idem*, pág. 501.

Se Deus Houvesse . . .

(Continuação da p.g 12)

mem do pecado na natureza humana pudesse morrer, isto talvez houvesse solucionado o problema. Mas não! Para o homem é mais fácil destruir a Deus do que mortificar suas paixões carnis, e ser crucificado com Cristo.

O que todo compenetrado estudante da natureza humana sabe, é que quer se proclame que Deus está morto ou vivo, a maior parte da humanidade continuará adorando os deuses que criaram para si mesmos: o sexo, o salário, os prazeres mundanos, o dinheiro e a posição. Falando com tôda a seriedade, não é bastante provável que o movimento de que Deus morreu seja realmente apenas outra tentativa da parte do homem idólatra para inventar um método de esquecer a Deus, que justifique o método egoísta de o homem adorar a si próprio?

Anúncio do Obituário de Deus

Com efeito, meus amigos, existem algumas alternativas devastadoras para a adoração do Deus vivo, que foram criadas pela nova seita do Deus morto. Pois, com a morte de Deus também se dá a morte da oração, da fé, da reverência e da igreja. Êste quadrilátero de recursos e poder espiritual é agora aniquilado pela nova blasfêmia, da mesma maneira que a bendita Trindade ou Divindade. Detende-vos por um momento para pensar sôbre isto. O homem não pode orar mais, pois se Deus morreu, não existe um Ser Supremo para ouvir e atender suas orações. O Israel antigo acusou a Deus de mouquidão, devido a Êle não ouvir e atender as orações dum povo rebelde. Mas os teólogos modernos excederam a apostasia do Israel antigo. Acusaram a Deus mais do que de mouquidão; acuraram-no de estar morto. Obliteraram o Senhor que é a única esperança de Seu povo hoje em dia.

É fácil concluir que Deus morreu, se os Céus se tornaram como bronze, e as orações do homem moderno não são atendidas. Mas por que Deus não ouve as orações do homem? Devido ao fato de que o homem antinomiano desviou os ouvidos de ouvir a lei. Destarte suas orações se tornaram uma abominação (Prov. 28:9). Como pode Deus auxiliar o homem rebelde enquanto não abandonar a rebelião? "Ó Senhor Deus dos Exércitos, até quando estarás indignado contra a oração do Teu povo?" foi a súplica de Davi (Salmo 80:4). A nota na margem duma versão inglêsa diz assim: "Até quando sufocarás a oração do Teu povo?" Eis aí a figura de um Deus que está bem vivo, e a forte insinuação de que o homem pereceria sob a ira de Deus, se não parasse de transgredir as justas leis do Senhor.

(Continuará no próximo número)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 32

N.º 5

NESTE NÚMERO

COMO ORAVAM ELES	2
ARTIGOS GERAIS	
Cades-Barnéia e Hoje	
Raul S. Watts	3
Uma Carta aos Dirigentes de Igreja	
Herberto Ford	7
Os Discos Voadores e o Espiritismo — II	
Miguel Alvarez	9
Se Deus Houvesse Morrido	
D. A. Delafield	12
PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA	
Vinhos da Bíblia	
Ricardo J. Barnett	13
OBRA PASTORAL	
Oportunidade para os Ministros Ganhar m Almas	
H. W. Lowe	16
"Nenhum de Nós Vive para Si Mesmo"	
A. F. Tarr	18
Sua Majestade "Chibolete"	
Rodolfo Belz	20
MÚSICA	
Os Instrumentos Musicais da Igreja	
Hugo Dario Riffel	21
PERGUNTAS SÓBRE DOCTRINA	
Relação Entre as Setenta Semanas de Daniel 9 e os 2.300 Dias de Daniel 8	
(Continuação)	22

